



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 25 - dezembro de 2020**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i25p1-2>

**APRESENTAÇÃO**

Este número da Revista Fronteiraz (PUC-SP) traz o dossiê intitulado A literatura nas marcas da desrazão. A proposta visou a reunião de artigos articulados em torno dos encontros possíveis entre a literatura e a psicanálise. O principal estímulo para a proposta é a frequente e rica configuração da loucura, da fala louca, do nonsense, do delírio, da memória, do trauma, dos chistes e lapsos na literatura, em especial no romance.

Desde A Nau dos Insensatos (Das Narrenschiff), de Sebastian Brandt (1494), e Don Quijote de la Mancha (1605), de Miguel de Cervantes, passando pelo surrealismo de Breton, e desembocando com força no século XX, esses encontros não apenas acontecem como também nos emocionam, ensinam e fazem pensar.

Do ponto de vista crítico o encontro desses saberes cada vez mais ecoa, influencia e aprimora leituras e escritas. Entre os autores brasileiros, vários navegaram nessas confluências: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos; Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Lima Barreto, Dyonélio Machado, Maura Lopes Cançado, Sérgio Sant'Anna, Moacir Scliar, Bernardo Carvalho, Lourenço Mutarelli, dentre outros. Já os estrangeiros, passam por Fernando Pessoa, Pirandello, Romain Gary, Sylvia Plath, entre outros aqui contemplados na seção Artigos.

Ruben Carmine Fasolino, com o artigo “Estética de lo excedente: Lacan con Pirandello”, analisa a narrativa Il treno ha fichiato de Luigi Pirandello, relacionando-a com a teoria lacaniana do significante. Ramaiana Freire Cardinali e Christian Ingo Lenz Dunker trazem uma leitura interdisciplinar de Nadja, de André Breton, aproximando surrealismo e psicanálise no artigo “Nadja: um diálogo entre a psicanálise e o surrealismo”. Jerônimo Pizarro comparece com o artigo “Pequenas marcas em livros da desrazão: Fernando Pessoa, leitor da Biblioteca Nacional de Lisboa (hoje de Portugal)”, no qual, a partir da edição crítica dos Escritos sobre Génio e Loucura (2006), discute leituras relacionadas com a desrazão.

No artigo “Meu nome daria um romance: a função da autoria e seus limites em Romain Gary”, Ana Cecília Carvalho aborda a pseudonímia e a heteronímia na obra do escritor Romain Gary, para considerar a função psíquica desses fenômenos. As marcas da desrazão na escrita da poeta Sylvia Plath é o foco do artigo “Surtos e murmúrios: a insensatez da escrita em Sylvia Plath”, de Derick Davidson Santos Teixeira

Marta Dantas e André Gheti apresentam o artigo “Um equilibrista na ponte: a experiência-limite de Kafka”, que reflete sobre os extremos da escrita de Kafka. Enquanto que o nonsense e a desrazão são abordados em “Afasia e desrazão em *A arte de produzir efeito sem causa*, de Lourenço Mutarelli”, de Thiago Henriques Tiriba e Maria Rosa Duarte Oliveira.

Raquel Cristina Ribeiro Pedroso e Gabriela Kvacek Betella, no artigo “Desrazões privadas e suas lógicas ocultas em dois contos machadianos”, fazem a leitura dos contos “Um esqueleto” e “A causa secreta”, de Machado, relacionando desvios comportamentais e a formulação literária. E o artigo “Existir onde não há: o herói fáustico nos ‘rodamunhos’ de loucura do sertão”, de Marcelo Hime Funari, propõe uma análise da relação entre pacto demoníaco e loucura em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O dossiê, **A literatura nas marcas da desrazão**, também conta com uma entrevista gravada em vídeo com a professora Cleusa Rios P. Passos (USP), uma das mais importantes pensadoras da potência crítica literária voltada para as confluências entre a literatura e a psicanálise. Trata-se de um registro histórico da trajetória dessa linha de pesquisa no Brasil.

Por fim, a edição conta também com a seção **Ensaio**, que amplia o escopo desse número temático com perspectivas várias. As crônicas de João do Rio são abordadas no artigo “Diante da vitrine do moderno: João do Rio e Jacques Rancière”, de Osvaldo Fontes Filho e Leila de Aguiar Costa. O romance *O dom do crime* é lido em sua perspectiva intertextual com *Dom Casmurro*, no ensaio “O dom do crime, de Marco Lucchesi, e o intertexto com *Dom Casmurro*, de Machado de Assis”, de Adriana da Costa Teles. O uso da materialidade do bordado livre nas ilustrações de algumas obras de literatura para crianças é discutido no artigo “O bordado no livro infantil: questões de materialidade e intermedialidade”, de Erika Viviane Costa Vieira. E, ainda, uma reflexão sobre os dispositivos de publicação em “A plataformas de autopublicação e o circuito da cultura: o caso *A Barraca do Beijo*”, de Edgar Roberto Kirchof e Aline Lupak Miyazaki.

Finalizando essa edição, contamos com a **Resenha do livro** *O homem que aprendeu o Brasil: a vida de Paulo Rónai*, de Ana Cecília Impellizieri Martins, realizada por Sávio Alencar, que destaca o relato e o registro do legado de Rónai na obra de Impellizieri.

Elizabeth Cardoso (PUCSP) e Yudith Rosenbaum (USP)